

GILBERTO FREYRE: CULTURA E CONFLITOS POLÍTICOS EM PERNAMBUCO (1923-1945)

João Alberto da Costa Pinto¹

Resumo

O artigo apresenta uma análise acerca da trajetória política do intelectual Gilberto Freyre, frente a duas conjunturas políticas que promoveram um amplo debate programático – entre regionalistas e modernistas (1923-1926) –, no qual se envolveram as classes dominantes agrárias de Pernambuco. Pretende-se, ainda, discutir o confronto entre Gilberto Freyre e a Interventoria Federal de Agamenon Magalhães, em Pernambuco (1937-1945).

Palavras-Chave

Gilberto Freyre; Regionalismo; Intelectuais; Estado Novo; Classes Dominantes Agrárias.

Na cidade de Recife, no Estado de Pernambuco, Gilberto Freyre sempre manteve institucionalmente as suas práticas intelectuais vinculadas à política regional das classes dominantes, sobretudo aquela oriunda dos grandes latifúndios produtores de açúcar. Neste artigo, destacarei duas conjunturas de determinação político-institucional deste intelectual em envolvimento direto com as representações ideológico-políticas do latifúndio açucareiro: a primeira referente à sua articulação, em 1925, junto ao jornal *Diário de Pernambuco*, articulação essa que o habilitou politicamente a assumir uma importante função – secretário particular do Governador Estácio Coimbra, no período de 1927 a 1930; a segunda conjuntura refere-se às suas lutas ideológico-políticas contra o governo de Agamenon Magalhães, interventor federal em Pernambuco, de 1937 a 1945.

O propósito da ênfase nessas duas conjunturas visa a demonstrar o meu argumento de que foi sob as determinações institucionais de sua trajetória política em Recife, no embate que

¹ Doutor em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense e professor no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em História da Universidade Federal de Goiás.
joaoacpinto@yahoo.com.br

envidou tanto contra como a favor de posições e programas políticos imanentes às classes dominantes pernambucanas, que se definiu o estatuto de seu projeto teórico-político. Noutros termos, a discussão que proponho neste artigo será destinada a perscrutar o argumento de que foram as determinações políticas regionais que estruturaram o sentido do conjunto da obra freyriana, demonstrando que, somente a partir da consolidação dessa base sócio-institucional, Gilberto Freyre se tornaria, efetivamente, expressão nacional de uma determinada visão política de mundo associada ao tradicionalismo agrarista. As bases institucionais das práticas que consolidariam essa visão de mundo apenas se consumaram quando houve a efetivação política da instituição-chave de sua trajetória intelectual: o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atualmente a Fundação Joaquim Nabuco, com sede em Recife), que o autor conseguiu fundar em 1951. Este artigo pretende rediscutir, portanto, a extensa e complexa trajetória de Gilberto Freyre, no momento inicial de projeção e consolidação de sua visão de mundo – o projeto ideológico do tradicionalismo agrarista do latifúndio açucareiro nordestino, demarcado cronologicamente entre 1923 e 1945.

Gilberto Freyre: roteiro-síntese de uma trajetória intelectual

A família de Freyre, estabelecida na cidade de Recife, Pernambuco, entre as décadas de 1910-1920, dependia do trabalho assalariado do pai de Gilberto, que era professor no Colégio Americano (onde Gilberto Freyre estudou de 1908 a 1917) e na Faculdade de Direito do Recife. Os Freyres constituíam uma família de classe média, embora, em décadas anteriores, houvessem sido proprietários de fazenda de cana-de-açúcar.

Em 1918, Gilberto Freyre foi aos Estados Unidos para estudar. Formou-se em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de Baylor, em 1920. Nesse mesmo ano e com o auxílio estratégico de Oliveira Lima – historiador e diplomata brasileiro que vivia em Washington –,

Freyre ingressou na Universidade de Columbia, onde desenvolveu um mestrado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais. Nessa instituição, conheceu Franz Boas. O título de Mestre foi obtido com a defesa da dissertação, escrita em 1922, intitulada *Vida Social no Brasil em Meados do Século XIX*.

Em 1925, decorridos dois anos de seu regresso ao Brasil, organizou para o jornal *Diário de Pernambuco* o livro de comemorações do centenário daquele periódico – *Livro do Nordeste*. No ano seguinte, em resposta ao movimento modernista de São Paulo, organizou o *I Congresso Regionalista*. Devido à sua projeção intelectual frente a essas atividades – além de sua ampla contribuição como articulista político nos jornais locais, em defesa da tradição cultural nordestina –, Gilberto Freyre foi convidado, em 1927, pelo Governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, para ser seu assessor político.

Mais adiante, com os fatos da Revolução de 1930, Estácio Coimbra foi deposto de seu cargo e fugiu de Recife, exilando-se em Lisboa. Freyre o acompanhou nesse exílio político. Em Lisboa, e depois em algumas cidades africanas (no Senegal, por exemplo), ele recolheu abundante material de pesquisa que subsidiaria a confecção do seu livro maior. Retornou ao Recife em 1932 e, com grandes dificuldades financeiras, concluiu o seu clássico de estréia como escritor: *Casa Grande & Senzala* (1933). Com a publicação deste livro, cuja edição foi custeada pelo autor, obteve projeção intelectual nacional, reafirmando a sua posição frente à política pernambucana.

No ano de 1937, logo após a implantação do Estado Novo, o pernambucano Agamenon Magalhães, que já havia sido Ministro da Justiça de Vargas, assumiu, como interventor, o Governo de Pernambuco. Gilberto conheceria, então, o seu maior inimigo político, que representava a modernização urbano-industrial, em moldes genuinamente capitalistas. Freyre, ao contrário, representava o conservadorismo agrário associado às fortes tradições monocultoras do latifúndio açucareiro. Magalhães fundou um jornal diário, no qual passaria a noticiar os “grandes feitos” do governo de Adolf Hitler, ao passo que Freyre defendia em sua obra o mestiço e a contribuição civilizacional do negro africano no Brasil. O interventor, um católico fervoroso, era

adepto incondicional do projeto intelectual fascista de Charles Maurras. Ainda que Freyre também tenha se encantado com as idéias de Maurras, continuava a freqüentar, em Recife, terreiros de macumba (como convidado especial de muitos *pais de santo* de todo o Nordeste) e prostíbulos baratos (embora também namorasse moças e senhoras casadas da elite pernambucana).

Situação curiosa, que ilustra as divergências entre Freyre e Magalhães, ocorreu em 1938. Na ocasião, o primo de Gilberto, Ulisses Pernambucano – psiquiatra e um dos mais destacados organizadores da Saúde Pública de Recife –, adoeceu, vítima de problemas cardíacos. Acompanhando a convalescença de seu primo, certo dia, Freyre observou que vários carros da polícia do interventor estavam estacionados ao redor de sua casa, no intuito de importuná-lo com buzinas durante o dia inteiro. Acredita-se que o falecimento de Ulisses Pernambucano, ocorrido na noite seguinte, esteja diretamente relacionado a tal acontecimento.

Como se não bastasse, alguns anos mais tarde, em 1942, o interventor mandou prender Freyre, em razão de um artigo que este escrevera contra certos atos da Igreja Católica local, pouco afeita às causas dos mais pobres. Getúlio Vargas exigiu do interventor os motivos da prisão de seu amigo e não conseguiu dissuadi-lo a tirar Freyre da cadeia.

Um ano mais tarde, já livre da prisão, Gilberto Freyre foi convidado pelo governo da Bahia, pelas principais Faculdades do Estado, pelas agremiações estudantis e pela imprensa soteropolitana a proferir uma série de palestras sobre a política nacional e a situação do mundo em guerra, demonstrando-se explicitamente favorável à luta dos *aliados* (já incluído o Brasil) contra o nazismo. Naquela ocasião, um capitão do exército brasileiro – Nelson Werneck Sodré (que se haveria de consagrar mais tarde como o mais prolífico intelectual marxista brasileiro) –, assistindo a algumas dessas conferências, afirmaria, anos depois, em suas memórias, que o público ouvinte de Gilberto Freyre ficara de “cabelos em pé”, dada a radicalidade dos discursos ali proferidos. Por essa notoriedade política (já não apenas no Nordeste, mas também em nível nacional, visto que alguns dos discursos da Bahia foram publicados em jornais cariocas), Freyre

elegeu-se deputado federal constituinte pela UDN/PE, em 1946, com amplo apoio da massa estudantil de Recife. Grande parte desses estudantes era filiada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Seu mandato foi pautado em uma só causa: a aprovação do projeto de criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Tal projeto foi aprovado em 1949, e o instituto começou a funcionar em Recife, em 1951, como órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura. Estava consolidado, portanto, o que haveria de ser o seu maior “feudo” institucional. Ainda hoje, há uma forte presença de familiares de Gilberto Freyre na gestão deste instituto.

Em 1951, ocorreu a grande guinada política de Gilberto Freyre. Em agosto desse ano, este intelectual se tornaria a maior expressão brasileira de interlocução com o fascismo português. Na ocasião, a convite do Estado salazarista, Freyre viajou durante sete meses por toda a extensão do Império Colonial português, tornando-se um arauto do fascismo salazarista, nem tanto por suas relações com Salazar (que eram apenas relações cordiais), mas, fundamentalmente, em virtude de suas relações com dois dos mais importantes tecnocratas do fascismo português – Sarmiento Rodrigues e Adriano Moreira. Ambos passariam a conceber a obra freyriana como aporte ideológico para justificação das práticas do neocolonialismo lusitano, especialmente aquelas desenvolvidas em Angola e Moçambique.

A partir desse vínculo com o salazarismo, Freyre consolidaria, em âmbito internacional, as premissas teóricas do *Lusotropicalismo* – a epistemologia do *homem situado no trópico* –, o que o consagrou como um teórico de reputação mundial. Esse modelo explicativo de interpretação dos destinos civilizacionais do Brasil no mundo, foi ampliado estruturalmente como modelo daquilo que a obra freyriana divulgaria no Brasil (a exemplo do *Rurbanismo* – uma proposição que agregaria espaços de vivência rural-urbanos), em especial, após o Golpe Militar de 31 de março de 1964.

Apesar de sua extraordinária projeção internacional, Freyre não se descuidava da política institucional regional. Transformou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (no período de 1958 a 1964) em um dos principais arautos da política imperialista norte-americana para a América Latina – o projeto da Aliança Para o Progresso. Tal instituto, coordenado por Freyre, tornou-se, deste modo, o cenáculo da ofensiva política das classes dominantes agrárias contra a organização das lutas camponesas, melhor representadas nas práticas das Ligas Camponesas de Francisco Julião. Nessa ocasião (nos anos de 1962 e 1963), Gilberto Freyre teve, quase diariamente em sua casa no Recife, para o café da manhã, a companhia do Marechal Humberto Castelo Branco.

Gilberto Freyre faleceu em 1987, não sem antes ter sido nomeado Cavaleiro Comandante do Império Britânico, em 1967, pela Rainha Elizabeth. E, assim, o intelectual, que sempre foi um defensor áspero da política provinciana das classes dominantes nordestinas brasileiras, morria como *Sir* Gilberto Freyre.²

Gilberto Freyre: regionalismo e política em Recife nas décadas de 1920 e 1930

Após esta breve exposição sobre a longa carreira de Gilberto Freyre, torna-se oportuno problematizar, diante de alguns recortes contextuais, a intervenção política e intelectual do autor em algumas das conjunturas enunciadas anteriormente.

O primeiro aspecto a ser considerado é o embate proposto, entre 1922 e 1926, pelo *Regionalismo*, cuja intenção foi questionar as propostas do *Modernismo*, difundidas no eixo cultural

² Esta rápida descrição da trajetória de Gilberto Freyre é um resumo da exposição apresentada em PINTO, João Alberto da Costa. *Os Impasses da Intelligentsia diante da Revolução Capitalista no Brasil (1930-1964): História e Política em Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré*. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ: UFF (Universidade Federal Fluminense), 2005 (consultar especialmente o capítulo 04). Recentemente, foi publicado o estudo biográfico de Pallares-Burke (2005), no qual são apresentadas informações detalhadas acerca da trajetória e da formação intelectual de Gilberto Freyre nas décadas de 1910 e 1920. Todavia, para os propósitos deste artigo, o trabalho de Pallares-Burke pouco acrescenta, em razão de sua perspectiva constituir mais uma apologia à *genialidade* do biografado do que propriamente fornecer informações sobre as pugnas político-ideológicas de Freyre no Recife da década de 1920.

Rio de Janeiro-São Paulo. O estudo de Neroaldo Azevedo³ reconstituiu de modo preciso e sistemático os debates intelectuais ocorridos no Recife na década de 1920, ocasião em que a capital se dividia em dois centros de cultura: o do jornal *Diário de Pernambuco* e o do *Jornal do Comércio*. Dois centros, duas propostas de cultura, dois projetos políticos de classe. O principal articulador do primeiro centro foi Gilberto Freyre, que propunha “a defesa regional, a nível político, cultural, artístico”, pretendendo, com isso, “desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste”. O outro centro tinha como principal idealizador Joaquim Inojosa, que procurava seguir a palavra de ordem do Modernismo de São Paulo, “especialmente naquele primeiro grito de urgência na destruição do passado”.⁴

Joaquim Inojosa passou quase toda a vida publicando livros e artigos, na tentativa de “desmascarar” as “mentiras” e as “invencionices” de Gilberto Freyre – seu maior desafeto.⁵ Quanto a isso, merece destaque a acusação feita por Inojosa, pondo em dúvida a existência do *Manifesto Regionalista*, que Freyre publicaria somente em 1952, embora tenha afirmado que o redigira em 1926, ano de realização do *I Congresso Regionalista*, na cidade de Recife.⁶

Certo é que, antes mesmo desta polêmica, quando regressou dos Estados Unidos, em 1923, Gilberto Freyre já se havia definido como centro de referência junto aos principais intelectuais do Estado e do Nordeste em geral. A relação de profundos laços de amizade que Freyre manteria com José Lins do Rego era exemplo disso. Sobre Freyre, Lins do Rego afirmou:

³ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

⁴ Chacon (1993), p. 190.

⁵ Joaquim Inojosa nasceu no Recife, em 1901. Em 1923, fundou na cidade a revista *Mauricéia*, a segunda revista de propaganda modernista do Brasil, sendo a revista *Klaxon*, de São Paulo, a primeira. Publicou, em João Pessoa, na Paraíba, na revista *Era Nova*, o manifesto modernista nordestino – *A Arte Moderna* (1924). Grande desafeto de Gilberto Freyre, dentre as várias obras que Inojosa publicou destaca-se *Carro Alegórico: uma resposta a Gilberto Freyre* (Guanabara, RJ: Edição do Autor, 1973). No jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição de 25 de junho de 1972, publicou um importante artigo intitulado “Um movimento imaginário”, no qual provava documentalmente que não existira nenhum movimento “*regionalista-tradicionalista*” no Recife até 1930, contestando, assim, diretamente, alguns aspectos da biografia de Gilberto Freyre. Estas e outras notícias sobre Inojosa estão em Teles (2000), pp. 332-335.

⁶ Em 14 de dezembro de 1980, no *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), no artigo “A propósito de equívocos”, Gilberto Freyre finalmente reconheceu que aquele manifesto de 1952 era invenção sua, afirmando que tentara, com base em pronunciamentos de 1926, recuperar o sentido da documentação integral do *Congresso Regionalista*, destruída em incêndio e saques à residência de seu pai, acontecidos em 1930. Consultar Azevedo, op. cit., pp. 149-160.

“Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá, a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. (...) Começou uma vida a agir sobre a outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que me vi sem saber, dissolvido, sem personalidade, tudo pensado por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia. Caí na imitação, no quase pastiche”.⁷

Com estes termos, o romancista apresentava a caracterização quase mítica assumida por Gilberto Freyre diante de seus contemporâneos. E, de fato, conforme descreve a pesquisa de Neroaldo Azevedo (1984), todos os principais eventos culturais difundidos na capital pernambucana – a exemplo do *Movimento Regionalista* e da organização do *Livro do Nordeste* – reiteravam essa centralidade de Freyre. Diante disso, qual o papel de Freyre nesse quadro de relações culturais, em que a sua prática institucional já se afirmava como central?

Considere-se o exemplo do *Livro do Nordeste*, organizado para o centenário (1825- 1925) do jornal *Diário de Pernambuco*,⁸ cuja edição contou com trinta e um ensaios, um poema, inúmeras estatísticas e ilustrações, perfazendo um total de 192 páginas. Para esse livro efeméride, Freyre escreveu três ensaios, dentre os quais mereceu destaque “Vida Social no Nordeste – aspectos de um século de transição”. Trata-se, segundo Azevedo (1984), de uma análise acerca da substituição do engenho pela usina, ocorrida em um período de transição, entre 1825 e 1925, cujas características sugeriam dois perfis distintos para o Nordeste, a ponto de Gilberto Freyre considerá-lo como dois países diferentes. Além de pontuar as profundas alterações de ordem social ocorridas no Nordeste durante esta transição, Freyre lamentou também o fim da escravidão para as famílias de *distinção*, apresentando, inclusive, argumentos sobre as boas

⁷ Apud in Azevedo, op. cit., pp. 127-128.

⁸ Chacon, op. cit., afirma que “já em 1926, Gilberto atinge aos vinte e seis anos (...) a chefia de redação do tradicional *Diário de Pernambuco*, o jornal mais antigo em circulação em toda a América Latina, desde 1825” (p. 199). Dois jornais dividiam as opiniões em Pernambuco, dividiam também as visões de mundo políticas locais. De um lado estava o “*Jornal do Comércio*, de propriedade dos irmãos Pessoa de Queiroz, sobrinhos de Epitácio Pessoa, único nordestino eleito presidente da República Velha”. Já o “*Diário de Pernambuco* vinha das mãos de Rosa e Silva às dos Lyras, amigos e correligionários de Estácio Coimbra” (Chacon, op. cit., p. 191).

condições de vida dos escravos – “quem vivia vida doce no Brasil escravocrata eram antes os escravos que os senhores”.⁹ Freyre definia, assim, sua trajetória como ideólogo do agrarismo nordestino, sobretudo junto aos setores historicamente arraigados ao latifúndio açucareiro.¹⁰

A exemplo disso, de 1927 a 1930, Gilberto Freyre trabalhou como assessor especial do Governador Estácio Coimbra e, a partir dessa experiência, pôde afirmar-se como gestor intermediário das práticas de governo, tornando-se, assim, porta-voz dos senhores de engenho do Nordeste. Eis um breve retrato de classe sobre esses *fidalgos pernambucanos*:

“Estácio de Albuquerque Coimbra e Pedro Luiz Paranhos Ferreira não tinham apenas nomes de fidalgos: eram dois fidalgos pernambucanos. Dois autênticos senhores de engenho desgarrados entre doutores e bacharéis da República. Duas expressões da mesma aristocracia genuína dos canaviais do Sul de Pernambuco”.¹¹

Estácio Coimbra era o maior representante dessa classe, que Gilberto Freyre tanto defendeu ao longo de sua prática institucional como assessor e articulador cultural. Sobre Coimbra, Freyre manifestou-se da seguinte maneira:

“Estácio Coimbra conservou através dos seus quatro anos de governador de Pernambuco o costume das audiências públicas, às sextas-feiras, a princípio secretariadas por mim; depois por Antiógenes Chaves. Qualquer necessitado podia

⁹ Apud in Azevedo, op. cit., p. 166.

¹⁰ Apesar dessa aproximação com as classes dominantes pernambucanas, o autor vivia com grandes dificuldades financeiras. Num trecho de um diário pessoal escreveu a seguinte nota, datada de 1927, quando já estava empregado como assessor do Governador Estácio Coimbra: “Agora que estou ganhando bastante... (do fim de 23 a 26 ganhei pouquíssimo – por algum tempo quinhentos mil réis do *Diário* [*Diário de Pernambuco*] e mais nada, durante o ano de 24 a essa soma juntaram-se outros quinhentos, de humilhante ofício que aceitei nas Docas: o de corrigir o português dos relatórios dos seus administradores...)”. Freyre, Gilberto (1975), p. 206. Ressalve-se que naquela circunstância estava demarcada de maneira bastante evidenciada uma cisão ideológica no corpo do agrarismo nordestino: o bloco tradicional do latifúndio açucareiro – do qual Freyre foi a melhor expressão de consciência possível, que tomava para si o ideário regionalista – e, por outro lado, o bloco modernizante do agrarismo da Usina açucareira, que na conjuntura dos anos vinte acabou por evidenciar-se junto às manifestações em prol do Modernismo (especialmente aquele oriundo do quadro ideológico do modernismo paulista).

¹¹ Freyre (1968), pp. 231-234.

falar-lhe. Qualquer vítima de opressão ou de abuso. O aristocrata de Barreiros dedicava tardes inteiras a esse contato com o povo. As sextas-feiras eram sagradas para ele, ao mesmo tempo que temidas pelos secretários de Estado, pelos chefes políticos do interior, pelos mandões e exploradores de toda a espécie”.¹²

Foi, sobretudo, como chefe de gabinete do governador que Gilberto Freyre pôde participar dos ambientes familiares da aristocracia do açúcar. Nas visitas aos grandes engenhos do Estado, ele coligia documentos, depoimentos, impressões sobre a intimidade da vida nas Casas Grandes ou nos grandes Sobrados e deparava-se com cenas como esta:

“Recife, 1930. Ontem grande ceia em honra do Dr. Eckner e do Infante Don Affonso de Bourbon oferecida pelo Conde e pela Condessa Pereira Carneiro: casal recifense de minha particular simpatia. Ela é uma Correia de Araújo: uma gorda sinhá-dona. Foi uma festa esplendidamente brasileira. Talvez um excesso ou outro; muito champagne e uma ostentação de caviar, de perus, de lagosta, de abacaxis que deixaram talvez os europeus sob a impressão de que o ricaço brasileiro queria humilhá-los. Mas suponho que acabaram todos convencidos de que se defrontavam com uma nova forma de cordialidade humana ou de hospitalidade extra-européia: a brasileira. À patriarcalmente brasileira. À pernambucanamente brasileira. Afinal, Pernambuco é terra de muita lagosta e de muito abacaxi: preciosidades brasileiras que para um europeu são quase equivalentes de pedras preciosas sob a forma de manjares raros. E os pernambucanos, mesmo quando novo-ricos, são fidalgos. Até os plebeus em Pernambuco são fidalgos”.¹³

Esta convivência com a aristocracia açucareira foi definitiva para traçar as diretrizes que a obra de Gilberto Freyre assumiria na década de 1930. Mas foi justamente durante o seu exílio em Portugal, quando acompanhou Estácio Coimbra¹⁴ e, mais tarde (em 1932), quando se hospedou na casa de seu primo Ulisses Pernambucano, que Freyre preparou aquele que haveria de ser, até então, o maior documento sobre a cultura do Nordeste: o livro *Casa Grande & Senzala* (1933), logo complementado por *Sobrados e Mocambos* (1936).

A contribuição deste intelectual nos jornais locais, anterior à elaboração destas duas obras e sempre em defesa do sistema produtivo tradicional – que aos poucos vinha sendo substituído

¹² Idem, *ibidem*, pp. 231-234.

¹³ Freyre (1975), pp. 243-244.

¹⁴ Estácio Coimbra foi deposto em 1930, em razão do golpe articulado por Carlos Cavalcanti, interventor de Vargas.

com a instauração das usinas açucareiras –, estava, a partir de então, rearticulada sob forma de livro.

Logo, o país que preparava a disseminação e a consolidação das formas capitalistas de produção via nascer, em 1933, a maior elegia já feita ao passado de formas feudais (“quase feudais”, “quase capitalistas”, como dizia o próprio Freyre).

Nessa elegia, o autor cavou a maior trincheira de defesa do tradicionalismo, não para combater a “modernidade” do projeto nacional capitalista em gestação (uma vez que este fora pressentido como irreversível), mas, sobretudo, para combater a “modernidade” reacionária dos governos de Carlos Cavalcanti e de Agamenon Magalhães em Pernambuco. Noutros termos, o combate direto que o autor envidou contra as “novas elites” – a “nova” classe dominante regional¹⁵ – era destinado ao “bovarismo” desta nova classe dominante.

Mais adiante, no emblemático ano de 1937, Freyre publicou o livro *Nordeste*, que encerrava a trilogia inaugurada com as obras de 1933 e 1936. Com esta obra – que fazia surgir a mitologia dos *centauros de terras gordas* –, Freyre não apenas homenageava as tradições agraristas do latifúndio açucareiro, atribuindo-lhes também uma identidade de classe definitiva que afrontava diretamente o agrarismo relacionado à Usina, cujo avatar máximo encontrava expressão na figura de Agamenon Magalhães, o interventor de Vargas em Pernambuco durante o Estado Novo.

Gilberto Freyre contra Agamenon Magalhães ou a mitologia dos *Centauros de Terras Gordas*

¹⁵ Classe também originada do mundo agrário, mas já estabelecida na cidade, consumindo, portanto, a “modernidade” trazida ao Recife por ventos de todos os lugares, inclusive da Alemanha nazista.

O interventor Agamenon Magalhães assumiu o governo em 10 de novembro de 1937. No dia anterior, a cidade de Recife havia parado para homenagear e acompanhar o enterro de Estácio Coimbra – “o enterro de Estácio Coimbra foi o enterro de uma época”.¹⁶

Um ano antes de assumir a interventoria de Pernambuco, Agamenon Magalhães publicara a segunda edição de seu pequeno livro – *O Nordeste Brasileiro*.¹⁷ Tal obra havia sido escrita em 1921, sob forma de tese, para o ingresso de Magalhães como docente no Ginásio Pernambucano do Recife.¹⁸

Sobre o sertanejo, o homem do interior, escrevia Agamenon Magalhães:

“Acusam o sertanejo de retrógrado como se fosse possível no meio em que vive fazer mais do que ele tem realizado. O que lhe falta é a instituição que os governos não proporcionam. Ele não é assim um retrógrado, é o meio que o cerca, reduz, abate, desola. É surpreendente o poder de assimilação do sertanejo. Vê, observa, investiga e realiza com uma perfeição notável”.¹⁹

E o que poderia esperar esse sertanejo do poder público, representado pelo interventor?

“Só melhorando o meio rural e pastoril, proporcionando à gente que aí vive comunicações fáceis, proteção social e higiene é que os governos poderão fomentar as melhores possibilidades de trabalho e produção. O urbanismo depaupera, exaure, desola, extingue a nacionalidade brasileira. A defesa dos sertões nordestinos não é só uma necessidade étnico-social, como uma exigência irrecusável ao desenvolvimento econômico do país”.²⁰

A única saída para o *atraso* nordestino estaria, portanto, na modernização do campo. Sugeriria-se alterar o *habitat* do sertanejo, alterar as “condições físicas do Nordeste brasileiro”,²¹ uma vez que, assim, também se combateria uma cultura de banditismos e fanatismos religiosos – “causas perturbadoras do evolver das populações dos sertões do Nordeste” –, sendo, para isso,

¹⁶ Chacon, op. cit., p. 206.

¹⁷ Magalhães (3ª. Edição) (1985 a).

¹⁸ A reedição de *O Nordeste Brasileiro* foi promovida, em 1936, pelo Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

¹⁹ Magalhães, op. cit., p. 38.

²⁰ Idem, p. 45.

²¹ Idem, p. 80.

necessário “o desenvolvimento das vias férreas e a par destas a ampla difusão de escolas por todos os recantos dos sertões longínquos”.²² Em síntese, segundo o interventor, o Estado poderia modificar e modernizar o Sertão, a fim de convertê-lo em algo factível para a civilização rural. Esse era o espírito reformador-positivista do político: a ação política haveria de civilizar, modernizar, tornar possível a civilização capitalista, em detrimento dos fanatismos e banditismos feudais.

“Uma das metas da Interventoria Agamenon Magalhães consistia em erradicar tudo que simbolizasse o velho, o obsoleto, ou seja, tudo o que representasse a República Velha, o Ancién Regime. Nesta proposta, concentrava-se o ideário regenerador do Estado Novo: criar o novo acionando signos que, no seu conjunto, colaboravam para a construção de um imaginário em que a idéia de progresso se apresentava como o antônimo do provinciano, do atraso, do feio, do repugnante. Em suma, tudo aquilo que estivesse atrofiando o progresso deveria ser eliminado. Assim, equiparar Recife à grande metrópole brasileira da época – Rio de Janeiro – fazia parte do projeto de modernização assumido pelo governo de pernambucano”.²³

Para divulgar estes projetos e as realizações de seu governo, Agamenon Magalhães fundou, em Recife, o jornal *Folha da Manhã*, no qual publicava também artigos doutrinários²⁴ – que definiam a marca dos novos tempos de Pernambuco (sobretudo da capital do Estado) – e empenhava-se em divulgar aquele que seria o seu projeto político maior: a modernização capitalista urbana centrada numa grande campanha contra o *mocambo* – a Cruzada Social Contra o Mocambo.

“Nenhuma classe está hoje separada do governo ou do povo. As distâncias sociais, que eram outrora motivo de opressão e rebeldias, anularam-se diante de uma política de cooperação e justiça, dentro da qual nenhuma classe é indiferente às necessidades e sofrimentos das outras. (...) A Cruzada Social Contra o Mocambo teve o condão mágico de converter os ricos e os pobres, dando aos primeiros a oportunidade de uma boa ação e aos segundos a confiança na caridade e na justiça. (...) A Empresa Construtora de Casas Populares, fundada pela iniciativa da Liga, teve o seu capital subscrito em grande parte pelos usineiros. Já foram construídas 112 casas por essa empresa. 06/01/1941”.²⁵

²² Idem, p. 44.

²³ Almeida (2001), p. 125.

²⁴ Idem, ibidem, p. 126. Consultar, em especial, o artigo editorial “Hitler constrói para as gerações vindouras”, publicado em *Folha da Manhã*, na edição de 28 de novembro de 1937, p. 03.

²⁵ Magalhães (1985 b), p. 219. Este livro é uma coletânea de editoriais que Agamenon publicou no seu jornal.

Anos depois, a campanha modernizadora de Magalhães estaria consagrada, resultando, inclusive, em práticas saneadoras para a agroindústria. O “altruísmo” das classes dominantes sairia, pois, vitorioso e o Nordeste açucareiro acomodaria, de modo expressivo, formas de organização de trabalho *fordistas*.

“As usinas de açúcar construíram no período 1939-1943, isto é, nesses quatro anos de peleja da Liga Social Contra o Mocambo, seis mil oitocentos e vinte e quatro casas para seus operários. Esse fato tem uma significação extraordinária. Traduz uma revolução social, que se processa dirigida pelo alto, dirigida por uma mudança de mentalidade e de conduta em relação aos problemas humanos”.²⁶

Este tipo de modernização afrontava Gilberto Freyre em suas concepções sobre o Nordeste. Em toda a sua obra, ele sempre pautou a argumentação na lógica do que denominava “equilíbrio de contrários”, e essa perspectiva resultaria, mais tarde, no conceito de “rurbanidade” – elemento-chave para a consolidação de seu projeto político no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, nas décadas de 1950 e 1960. Noutros termos, a rurbanidade era por ele concebida como mediação dialética entre dois extremos – agraristas e industrialistas –, com os quais sua visão política de mundo jamais se poderia conciliar.

Sob esta perspectiva, o projeto de modernização de Agamenon Magalhães ia notoriamente de encontro ao ideário de Freyre.²⁷ Observe-se, em um breve exemplo, como o autor concebia historicamente o Nordeste, em evidente contraste com as formulações de Magalhães:

“Há quatro séculos que o massapé do Nordeste puxa para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens, as patas dos bois, as rodas vagarosas dos carros, as raízes das mangueiras e das jaqueiras, os alicerces das casas e das igrejas, deixando-se penetrar como nenhuma outra dos trópicos pela civilização agrária dos portugueses. (...) Nessas manchas de terra pegajenta foi possível fundar-se a civilização moderna mais cheia de

²⁶ Idem, *ibidem*, pp. 229-230.

²⁷ Freyre passou, inclusive, a afirmar que o Estado de Pernambuco, sob controle do Interventor, assemelhava-se a “uma França ocupada”, incorporando simbolicamente uma conjuntura específica da Segunda Guerra Mundial.

qualidades, de permanência e ao mesmo tempo de plasticidade que já se fundou nos trópicos”.²⁸

Esse era o lugar de fundação mitológica da civilização que Gilberto Freyre lutava para preservar. Nele nasceram os engenhos de açúcar, a partir dos quais a natureza também se ampliou nas águas dos rios. Os engenhos se nutriam desses rios – os rios “sancho-pança”. A propósito, “a água foi elemento nobre na velha paisagem de engenho do Nordeste, onde a usina degradaria principalmente os rios. O engenho honrou a água; não se limitou a servir-se dela. (...) O rio era honrado”,²⁹ ao passo que as usinas o transformariam em mictório.

Águas, terras, natureza, engenhos e civilização. Nesse cenário, Freyre apresentaria aos seus contemporâneos a épica civilizatória dos senhores (os senhores de engenho sobre seus cavalos, no triunfo da conquista), remetendo, assim, à imagem oportuna dos *centauros de terras gordas*, disposta no livro *Nordeste*, cujo tempo histórico é, inclusive, o mesmo de *Casa Grande & Senzala* e de *Sobrados e Mocambos*.³⁰

“O senhor de engenho do Nordeste foi quase uma figura de centauro: metade homem, metade cavalo. Do alto do cavalo é que esse verdadeiro rei-nosso-senhor via os canaviais que não enxergava do alto da casa-grande: do alto do cavalo é que ele falava gritando, como do alto da casa-grande, aos escravos, aos trabalhadores, aos muleques do eito. O cavalo dava ao aristocrata do açúcar, quando em movimento ou em ação, quase a mesma altura que lhe dava o alto da casa-grande nas horas de descanso”.³¹

Para Gilberto Freyre, eram esses “centauros” os representantes de uma “autêntica cultura rural”,³² a cultura do senhor de engenho brasileiro. Já o usineiro era “como se fosse um

²⁸ Freyre (1989), p. 42.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 08.

³⁰ Cabe a ressalva de que, em algumas passagens de *Nordeste*, Freyre atribuiu à narrativa um estilo intimista, quase aos moldes de uma autobiografia, não porque se projetasse propriamente na figura de um *centauro de terras gordas*, mas, sobretudo, porque gostava de afirmar que convivera com alguns deles. Ademais, Freyre sempre foi um gestor do agrarismo da tradição açucareira, ainda que nunca se tenha firmado como membro da tradicional classe dominante nordestina, apesar de ter sido seu maior arauto.

³¹ Freyre (1989), pp. 89-90.

³² Idem, *ibidem*, p. 168.

conquistador em relação com conquistados de outra terra. De outro barro. De outro sangue. Quase um estrangeiro a quem não tocasse a sorte dos que não são usineiros”.³³

Como conclusão e diante da argumentação apresentada, cabe reiterar que a obra de Gilberto Freyre deverá ser concebida, antes de mais nada, como a lógica de um conflito político regional, e não como a lógica de um eventual pacto agrário-industrial nacional que poderia ser sugerido pelo projeto político varguista das décadas de 1930 e 1940.³⁴ Esta perspectiva política nacional, imanente à obra de Gilberto Freyre e ao seu conservadorismo, só seria alcançada a partir do desenvolvimento ampliado do modelo histórico-sociológico presente nas obras da década de 1930, nos trabalhos desenvolvidos junto ao seu percurso institucional com o salazarismo e com os militares durante a ditadura de 1964.

GILBERTO FREYRE: CULTURE AND POLITICAL CONFLICTS IN PERNAMBUCO (1923-1945)

Abstract

This paper presents an analysis of Gilberto Freyre political trajectory as an intellectual in front of two political conjunctures that resulted in a broad debate (1925-1926) between regionalists and modernists, in which the agrarian ruling classes of Pernambuco took part. Besides, a discussion about the confrontation between Gilberto Freyre and Agamenon Magalhães federal *interventoria* in Pernambuco (1937-1945) will also be proposed.

Key-words

Gilberto Freyre; Regionalism; Intellectuals; *Estado Novo*; Agrarian Ruling Classes.

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas / USP, 2001.
2. AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

³³ Idem, p. 164.

³⁴ Tese de Bastos (1988). Ressalve-se que este ensaio de Elide Rugai Bastos ainda é o melhor estudo sobre o conjunto da obra freyriana.

3. BASTOS, Elide Rugai. “Gilberto Freyre e a Questão Nacional”. In: MORAES, Reginaldo et alli (orgs.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
4. CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre – uma biografia intelectual*. Recife / São Paulo: Editora Massangana / Companhia Editora Nacional, 1993.
5. FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
6. FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.
7. FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista de 1926*. Recife: Edições Região, 1952.
8. FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição* (2ª. Edição). Rio de Janeiro: Record, 1968.
9. MAGALHÃES, Agamenon. *O Nordeste brasileiro* (3ª. Edição). Recife: Editora ASA Pernambuco, 1985 a.
10. MAGALHÃES, Agamenon. *Idéias e Lutas*. Recife: Editora Raiz / FUNDARPE, 1985 b.
11. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre. Um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
12. PINTO, João Alberto da Costa. *Os impasses da Intelligentsia diante da Revolução Capitalista no Brasil (1930 – 1964): História e Política em Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré*. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2005.
13. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.